

# A turbulenta rotina do metrô de Brasília

11 ABR 2002

Ana Lúcia Moura

Da equipe do **Correio**

O descarrilamento do vagão de um dos trens do Metrô do Distrito Federal trouxe à tona problemas mais graves enfrentados pelo sistema e que podem ter sido a causa do acidente. Erros no sistema de comunicação entre os trens e a central de operações, falhas nos equipamentos da cabine de controle e treinamento inadequado de funcionários são algumas dificuldades enfrentadas pelo metrô do DF, segundo apontam técnicos em transporte sobre trilhos e o Sindicato dos Metroviários (Sindimetrô).

Todos levantam suspeitas sobre a segurança do sistema, que já consumiu R\$ 1,3 bilhão dos cofres públicos e há cerca de um ano transporta passageiros diariamente. O acidente que provocou o descarrilamento de um vagão aconteceu na terça-feira, às 12h32, entre a estação Central, na Rodoviária do Plano Piloto, e a Galeria dos Estados. Cento e cinquenta pessoas ocupavam os quatro vagões de um trem, quando um deles saiu dos trilhos. Ninguém ficou ferido.

O trecho de 500 metros entre as duas estações está interditado. Técnicos trabalham no local, mas ainda não descobriram a causa do problema. O chefe do Departamento de Operações, Duval Bueno, acredita que a falha que provocou o acidente possa ter sido de um dos funcionários. "O equipamento funcionava manualmente na hora do acidente", afirma.

O Sindimetrô rebate. Segundo Cátia Martins, diretora do sindicato, esse é o primeiro descarrilamento enfrentado pelo metrô, mas não o primeiro envolvendo

o sistema que cuida do alinhamento dos trens nos trilhos. "É muito comum os trens atropelarem o ponto de alinhamento dos trilhos. Isso acontece porque, ao passar por eles, o circuito não está completamente preparado para receber aquele trem. É um problema de transmissão de mensagens, que pode gerar acidentes graves."

Em situações assim, o alinhamento tem de ser feito manualmente. Um funcionário vai até o trilho para acionar o sistema e permitir que o trem tome a direção correta, enquanto o piloto conduz o carro. "Já fiquei seis horas num trilho, acionando a chave para um lado e outro", conta um funcionário do Metrô Carlos Alberto Cassiano.

O Sindimetrô relata outros tipos de erros de transmissão no sistema, além de falhas na alavanca usada pelos pilotos para colocar o trem em andamento. "Mais de uma vez por dia o piloto perde o contato com a central de operações e o trem pára. Também acontece de o piloto soltar a alavanca de aceleração e o trem não frear, o que deveria acontecer", complementa Cassiano.

## ROTINA

**A**s paradas viraram rotina entre os passageiros. O estudante Wyslan Vieira Teles, 18 anos, já enfrentou falhas do sistema durante viagens. "Na manhã de ontem, quando vinha do Guará para o Setor Bancário, o trem parou por 10 minutos no meio da pista. Pelo auto-falante, avisaram que era uma falha técnica", conta.

O bancário José Tadeu Teixeira, 36, deixou de andar de carro para usar o metrô, mas já pensa em mudar de idéia. "O sistema co-



O METRÔ FUNCIONA COMERCIALMENTE HÁ MENOS DE UM ANO, MAS JÁ APRESENTA PROBLEMAS DE SISTEMAS ANTIGOS

meçou bem, mas as falhas têm atrasado as viagens." Ele pega o trem na estação da 114 Sul e vai até a Galeria dos Estados. "De carro, gasto 25 minutos. De metrô, dez. Mas de uns tempos para cá tem sido 20 e até 30 por causa de paradas no meio do caminho."

Um dos diretores do Sindicato dos Metroviários do Rio de Janeiro, Edgard Coelho, afirma que esse tipo de problema não é comum. "Principalmente em siste-

mas novos, com apenas duas vias e estações distantes uma das outras, como acontece no metrô do DF." Um técnico do metrô do Rio de Janeiro, que preferiu não se identificar, reforça essa tese. "É estranho que um sistema que custou tão caro esteja enfrentando problemas considerados raros em outros metrôs."

O professor do Mestrado em Transportes da Universidade de Brasília (UnB) Joaquim Aragão

teme pela segurança. "O metrô surgiu de uma turbulência. Houve uma pressa enorme em construir e inaugurar. Problemas técnicos surgiram ainda na fase da obra por falta de estudos. É necessário uma auditoria técnica para avaliar como está funcionando o sistema", acredita. Ao conversar com **Correio**, Duval Bueno se negou a comentar outros assuntos que não fossem o acidente de terça-feira.